N.º 24 (146) — 3.º ANNO

Terça-feira, 25 de Abril de 1911

PREÇO 20 RS.

Semanario de caricaturas e humoristico

Propriedade da Empreza do jornal O ZÉ

DIRECTOR E EDITOR

ESTEVAO DE CARVALHO

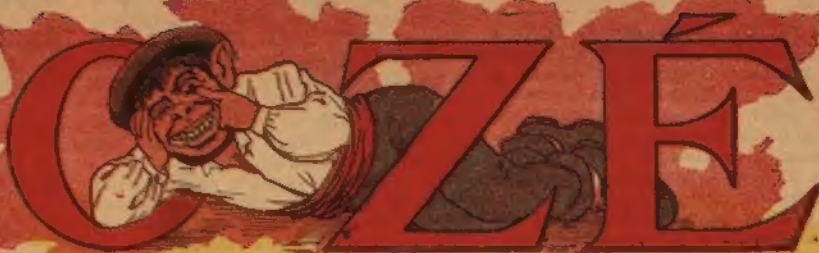
CARICATURISTA

SILVA E SOUSA

ADMINISTRADOR

RICARDO DE SOUSA

Typ. do Annuario Commercial

Praça dos Restauradores, 27

SUCCESSOR DO JORNAL «O XUAO»

Redacção e administração: R. da Rosa, 182, 1.º, Esq.º — LISBOA

REMEDIO CONTRA LOMBRIGAS

PREPARADO DE LEI DO DOUTOR A. ATSOC

EFFEITO RADICAL E SEM RIVALID...

IGREJA

SILVA E SOUZA

Vês, pequena, o que te corroia os intestinos?! Com a separação vae melhorar o teu estado

A nossa homenagem

A lei de separação da Egreja do Estado é uma lei justa, uma lei liberal. O governo tinha a restricta obrigação de a promulgar pois que a separação da Egreja do Estado estava naturalmente indicada visto a attitude da Republica em assumptos religiosos: de completa independencia. A publicação de tal decreto honra o governo e nobilita a nação As nossas homenagens n'este momento dirigem-se a todo o governo mas não podemos deixar de especialisar as nossas felicitações ao illustre ministro da justiça que hoje como hontem é o mesmo homem de acção, amigo dos humildes e estremo devoto da liberdade. O sr. dr. Affonso Costa é uma das figuras da Republica mais odiadas e mais calumniadas pelos adeptos das instituições sepultadas para todo o sempre n'um lodaçal immenso de vergonhas e despotismos. O illustre ministro da justiça tem realisado pela sua pasta uma politica que não se afastando dos principios de Justiça não tem tido contemplações com os inimigos da Republica.

Pois é ao sr. dr. Affonso Costa que nós erguemos bem alto com a consciencia de que o não fazemos a um homem mas com a absoluta segurança de que levantamos principios, levantamos uma ideia, levantamos a nossa querida Patria.

A REDACÇÃO

D. Fernando Lozano e D. Rodrigo Soriano

«O Zé» honra-se em inserir hoje prosa de estes imminentes republicanos da Hespanha.

Um é o apostolo do livre-pensamento, e propagandista ferveroso; outro é o combatente energico, o luctador cuja fé é tanta que o leva a praticar os actos mais audazes.

Saudamo-l'os com todo o entusiasmo, saudando em tão illustres cidadãos a Hespanha de amanhã, a Hespanha livre de fanatismo e de tyrania.

Abraçamo-l'os, congraçando n'este abraço todos os republicanos hespanhoes nossos queridos irmãos na lucta pelo mesmo ideal: a Republica.

A Redação.

Affonso Costa

Elevacion ideal que llega hasta el cielo, ciencia juridica, admirable energia civica: he ahi los dotes que resaltan en Affonso Costa.

Su verbo tribunicio, comvertido en hacha, cayó con golpes redoblados sobre el trono hasta derribarlo.

«Vete; no nos comprometas más con tus latrocinios» le dije á D. Carlos. Este no quiso hacer caso y cayó bajo el rayo de la justicia popular.

Pero el altar quedó en pié y el altar es el pedestal del trono.

Otra vez Affonso Costa, insaciable de batalla, volvió á levantar el hacha para hacer stillas del maldito altar, como las habia hecho del maldito trono.

Ya no hay monjas, ya no hay frailes, ya no hay jesuitas; el nuncio se evaporó de Portugal al aparecer el dia republicano, como el bicho al aparecer la luz del sol.

Cada dia un decreto nuevo, de immensa transcendencia, como el del divorcio, como el del Registro Civil, ofrece á los ojos la fuerza maravilhosa de intelligencia, de ciencia e de civismo que animia á ese Hercules de la revolucion portuguesa.

Y ahora se le ve con la maza suspensa sobre la cabeza de la Iglezia para separar la del Estado, cumpliendo el decreto de Voltaire de «aplastar la Infame!»

Gloria, gloria sen fin á Affonso Costa!

Fernando Lozano.

Elação ideal que chega ao ceu, sciencia juridica, admiravel energia civica; eis os predicados que se destacam em Affonso Costa.

O seu verbo tribunicio transformado em clava caiu repetidas vezes sobre o throno até destruil-o.

«Vae-te; não nos compromettas mais com os teus latrocinios», disse elle a D. Carlos. Este, porém não fez caso e caiu sob o raio da justiça popular.

Mas o altar ficou de pé e o altar era o pedestal do throno.

De novo Affonso Costa insaciavel de batalha tornou a levantar a massa para fazer em pedaços o maldito altar, como tinha feito ao amaldiçoado throno.

Já não ha freiras, nem frades, nem jesuitas; o nuncio desappareceu de Portugal ao raiar o dia republicano, como a coruja ao apparecer a luz do sol.

De dia para dia um novo decreto de enorme transcendencia, como o do divorcio e o do registo civil, patenteia-nos a força maravilhosa de talento, de sciencia e de civismo que anima esse Hercules da revolução portugueza.

E agora vemol-o com a clava suspensa sobre a cabeça da Egreja para separal-a do Estado, cumprindo o decreto de Voltaire «esmagar a Infamia»!

Gloria, gloria eterna a Affonso Costa!

Fernando Lozano

El Diputado á Cortes por Madrid

L. B. M.

á su distinguido, amigo el director de O' Zé y tiene mucho gusto en remitirle la adjunta cuartilla para su semanario.

Rodrigo Soriano.

Palacio del Congresso de 19 de Abril de 1911

Espiritu Volteriano moldeado en carne férrea, sutil sonrisa y mirada serena ante el peligro: éste es el gran Affonso Costa el Affonso republicano de Portugal, el Affonso que cambiariamos muy á gusto por el Affonso que padecemos.

Rodrigo Soriano

Espirito Voltairiano em corpo de rija tempera, sorriso subtil, olhar sereno ante o perigo; é este o grande Affonso Costa, o Affonso republicano de Portugal, o Affonso que trocariamos com muito gosto, pelo Affonso que aturamos.

Rodrigo Soriano

A Separação

A lei da separação da Egreja dispensa os adjectivos banalisados, tanta vez, em bagatellas e injustiças. Ella funda uma sociedade nova, e só essa sociedade, quando, assombrada, puser os olhos no passado, poderá apreciar com serena justiça, a conquista que representa esta verdadeira revolução. Se pudesse admitir-se a hipotese de que o catolicismo viesse a integrar se no cristianismo puro, desinteressado, generdso, humanitario — religião de amor e religião de sacrificio, evangelho que levantasse as almas, entregando-as ao culto do belo e do bem — haveria que affirmar que os crentes d'ámanhã seriam os primeiros a abençoarem o justiceiro trabalho do nome até hoje amaldiçoado com uivos de desespero pelas almas dos bandoleiros que fazem da cruz uma gazua. E' que a lei, libertando o povo da tutela clerical, da religião tiranica, deixou campo para que a religião, se fosse possivel, se reduzisse á unica forma admissivel — sentimento espontaneo, fé sincera, devoção livre.

A lei, se exibe as qualidades do talento do autor, patenteia o seu coração. Esse estranho homem trabalha sempre com o coração e com a alma. Toda a sua imensa obra reformista, afirmando a equilibrada e fecunda grandeza do seu genio creador, afirma, por egual, a bondade infinita da sua alma. Foi elle que, na hora febrilmente agitada de reorganisar juridicamente uma sociedade, não esqueceu as creanças abandonadas pelo crime e pela miseria, preparando-lhes abrigo e proteção. Elle não esqueceu tambem os filhos que a sociedade despresava porque o egoismo dos pais os engeitára. E, agora, provocado pelos mercantes da religião a fazer uma obra sectaria, de odio perseguidor, teve a serena superioridade de fazer uma obra de tolerancia e de justiça. Desta forma, emancipou o povo, garantiu-lhe plena liberdade de pensar e de sentir, mas não esqueceu que havia interesses de homens e de familias a defender, e defendeu-os. A perfeita grandeza desse homem ficou assim traduzida. A Historia, quando honrar o seu nome, tem de prestar louvores, por egual, ao seu talento e ao seu sentimento.

França Borges

Excentricos

VIII

Senhor Affonso Costa, *vocelencia*
E um grande ministro, isso é que é;
Tem feito muita coisa pelo *Zé*
Dando voltas á pinha e á sciencia

Eu faço uma *misura* anta a *sabencia*
De quem tem trabalhado com tal fé
Porem tem que me ouvir aqui, olé...
Lá isso tenha santa paciencia!...

Vocelencia expulsou os jesuitas,
Separou a Egreja e mais o Estado,
E tem feito ainda outras varias fitas,

Porem falta um decreto ha muito esp'rado;
—É conceder licença ás senhoritas
P'ra andarem de calção pelo Chiado! [1]

Joaquim Neves.

[1] Visto que os cidadãos d'um regimen de liberdade as perseguem, como se fosse crime cada qual andar como deseja, sem prejuiso para os mais!

A Chronica do sr. ministro da Justiça

Meu caro Estevam:

Pediu-me você uma chronica sobre o Affonso Costa, e só hoje, eu verdadeiramente enrascado me vi na impossibidade de a fazer porque elle, o nosso grande Affonso... tem o que se chama, uma Chronica muito sabida. Alem de que em duas ou trez columnas não caberia o elogio d'uma milessima parte da sua obra. Todo o ministerio, tem feito muito, excepto o sr. Azevedo Gomes o qual parece ser de pouco alimento, mas, Affonso Costa continua sendo o que nos dá os remedios mais efficazes para as pulgas e piolhos (jesuitas e padres) e mesmo para tirar callos sem dôr (Egreja). Continua, pois, sendo o mais «radical.» Repito, meu caro Estevam. Como quer que eu vá aqui em meia duzia de linhas dar uma palida ideia da sua grandiosa obra? Descrevê-l'o? Impossivel. Os seus hombros alambazados, capazes, qual Samsão, de derruirem as columnas dos templos; as suas ventas largas, buracos formidaveis; os seus olhos, aquelles olhos que dardejam fogo atravez das lunetas, nada cabe aqui e no emtanto pode-se abranjer. E queria, você que eu alludisse, talvez, ao cerebro? O cerebro! Mas aquillo não é cerebro! E' uma fabrica de ideas, uma bibliotheca grandiosa; é um palacete da Luz, que não admira faça uma guerra sem treguas ao «padre» visto que este tem um reles sótam onde habitam macaquinhos, sótam sem luz, infecto e nefasto! Uma chronica! Mas por onde começar. Pelo côco, um «quico» que lhe tapa o caco vasto e sabedor? Pelas perninhas que nos lembram o cerebro do sr. Paiva Couceiro, por serem curtas? Pelos feitos, pelos effeitos, pelos fatos, pelos factos?

A sua chronica remonta e começa na Universidade em 88-89 e vem até ao egregio estado do ministro da justiça separando a egreja do Estado. Passa pela tribuna, pela conferencia, pela Porcalhota e mais terras onde se fazia ouvir, e chega a ministro. E' unico, e por isso nunca chegou a ser um... par. Pela vida foi deixando um rasto de phrases e factos celebres. Em 1900 «a ultima cartada havemos de joga-l'a nós», *e ultimamente:*

«Retire-se, senhor, saia do paiz para não entrar n'uma prisão em nome da Lei. Por muito menos crimes do que os comettidos por D. Carlos I, rolou no cadafalso em França a cabeça de Luiz XVI.»

Tornou celebres dias de jornadas triumphaes d'uma idea em marcha; as cartas do Hinton com que se não jogou a ultima cartada pelo menos, poz em perigo alguns «trunfos»; e finalmente tornou celeberrimo o «coupé» 44 nas proximidades da «victoria» de 5 de outubro.

Emfim, os livres pensadores banzam-se e os catholicos benzem-se, ao fallar no seu nome. O seu primeiro passo politico de zaragateiro imerito foi em 97 quando um governo d'aquelles progressistas que nós tivémos, demonstrou a sua alienação mental ao pensar na alienação das linhas ferreas do Estado. A 13 de junho d'esse anno no Porto, um bom comicio, no Bomjardim, poz em contacto o povo que de Futuro o aclamaria e a sua voz forte. D'ahi em diante assim como usava pêra passou tambem a usar... da palavra. Em 99 ha novo descontentamento contra o governo por causa das medidas absurdas tomadas contra a peste e é posta ao suffragio dos eleitores, a candidatura, do nosso Affonso, de Xavier Esteves e do Paulo Falcão. O Porto elegeu os e o governo posto em cheque com este choque tezo, resolve-se ao dispótismo e annulla aquella eleição dos tres inimigos das instituições. Novo carneiro com ellas e novamente eleitos o governo teve de os «grammar».

De então para cá a capital começou a afeiçoar-se a Affonso Costa e hoje é isto que se vê. Manifestações por isto, hinteiros por aquillo, banquete por esta lei, viyorio por aquella. Muito conciliador nos tempos da Passada, convidou o proprio senhor D. Manuel a adherir. Tinha sido melhor. A estas horas estava amanuense da 3.ª repartição do ministerio do justiça entrando ás 10 e sahindo ás 2 com tolerancia na semana santa. Não quiz o sr. Manoel adherir senão com quem elle lá escolheu, e hoje talvez chore isso.

Affonso Costa é um alma do diabo, que é a alma do ministerio. Velho amigo do Mundo, elle adora as grandes republicas. A Suissa (que elle não usa) para onde manda seu filho Sebastião, e França... Borges para onde elle manda ás vezes alguns artigos elucidativos. Ha pouco abandonou a cadeira ministerial para ir alcançar a cadeira de economia politica na Escola Polytechnica. Depois brilhantes provas oraes volta ao ministerio com as provas escriptas da Lei da Separação da Egreja do Estado. Isto são provas bastantes da sua tempera de ferro, e do seu valor indiscutivel, que elle faz valer!

Tem um horror medonho ao padre. Se o deixarem—talvez por ter nascido em Ceia—papa o proprio papa, comendo todos os outros seus vassallos o que agradaria muito ao ex-bispo de Beja. E como o não deixam comel-os como bom ministro, ministra duras leis contra os seus collegas os ministros da egreja.

Esta ultima é de abalar a Egreja e de pôr a abalar as toupeiras que diffamciam a Republica. A Separação do Estado das Egrejas! Se ha povos tão civilisados que ainda não a alcançaram! Somos bem felizes. Querem missas catholicas? paguem-n'as. Querem mesquitas? paguem-n'as. Qaerem synagogas? paguem-n'as. Querem pagode chinez? paguem-n'o. Plena Liberdade. O Estado é que não sustenta vicios.

Já vê, meu caro Estevam, que um homem com uma chronica tão formidavel, com um intellecto tão vasto não pode ser abrangido senão até aos calcanhares, por qualquer preito consagrado pelo ZÉ. O seu cerebro, cheio de phosphoro sem ser de cêra, porque elle não a fáz, é uma monstruosidade que lembra Cicero! E lembrar-n'os nós que ha tanto imbecil sem dé-reis de phosphoro, havendo um com tanto. Repito-lhe, Estevam, aquillo não é cerebro é uma... verdadeira companhia dos phosphoros!

Desculpe-me, pois, não lhe poder satisfazer o seu pedido e creia-me sempre seu amigo e obrigado.

Saude e Fraternidade

Dia 21 de Abril de 1911.

A. Ferreira.

Dr. Affonso Costa

Eu me lembro! eu me lembro! Era pequeno
E brincava na praia; o mar bramia,
E, erguendo o dorso altivo, sacudia
A branca espuma para o céu sereno.

E eu disse a minha mãe n'esse momento:
— Que dura orchestra! Que furor insano!
Que pode haver maior do que o oceano,
Ou que seja mais forte do que o vento?!...

Minha mãe, coitadinha, olhou p'ró «Mundo», (*)
E, apontando um retrato que ahi estava,
Disse n'um tom de voz grave e profundo,
Estas palavras santas que eu escutava:

«Meu filho, um ser, cujo retrato vêmos,
Que para nos salvar com tudo arrosta,
E' maior do que o mar, que nos temêmos,
Mais forte do que o vento! — O Affonso Costa!»

CASIMIRO D'ABREU E MANOEL CHAGAS (Pardielo)

(*) A mamã lia muito este jornal.

UMA GRANDE FIGURA

Affirmou um pensador notavel que só as ideias grandes e generosas, em dados momentos da Historia incarnam o sentir agitado das multidões, e produzem os grandes homens, notaveis pelo sua talento e superiores pela sua intelligencia.

A enorme figura de Affonso Costa surgiu n'um momento agitado da politica portuguesa em que se atufava n'um lamaçal de deshonestidade e ignominia um regimen fallido, ás ordens da reacção jesuitica.

Entre os que se propuzeram defender o povo, tirá lo das trevas da ignorancia e do preconceito, Affonso Costa occupou um dos primeiros logares.

A sua coragem nunca desmentida, o seu verbo ardente e enthusiastico que levantara as camadas populares n'um fremito de revolta e de indignação, a sua tactica parlamentar que o fez um dos maiores esgrimistas da palavra fizeram d'elle o homem do dia.

O Poder temia-o porque via n'elle o seu mais implacavel inimigo.

Foi talvez o melhor chefe republicano que desassombradamente veiu luctar na Revolução, que redimiu o paiz, pondo-se á frente de grupos revolucionarios.

Estadista insigne tem dado sobejas provas das suas faculdades intellectuaes e do seu admiravel tacto politico.

Tem feito uma segunda revolução bem mais proficua e salutar, qual é a revolução das ideias.

Affonso Costa será o futuro organisador das camadas operarias e muito em breve deverá ser o chefe do partido socialista português.

E' o seu maior elogio.

ALBERTO BARBOSA

Lambisgoia: Seu pachola. Sahiu um bello artigo da vossa *pitorra*, que não vae por falta de espaço. Puche pelo *bedunto* e mande das pequenas... de carne e osso que nos *banzem* e agora até p'ra semana... ó Soisa!

E. Z.

Dr. Magalhães Lima

Por ter chegado tarde o artigo d'este nosso querido amigo, não o podemos publica-lo na primeira pagina como era nosso desejo.

Homenagem ao grande estadista

Dr. Affonso Augusto da Costa

Não pódem haver duas opiniões sobre o homem do governo, assim como não havia duas opiniões sobre o parlamentar.

Dois notaveis documentos consagram Affonso Costa, como homem do Estado: o decreto relativo ao bispo do Porto, e a recente lei da Separação do Estado das Egrejas, que a historia registará, como um verdadeiro acontecimento historico. Revelam-se n'estes dois actos, a ponderação e o equilibrio que caracterisam os grandes homens politicos. E, se tantas outras medidas não existissem para attestar a obra do governo provisorio, o que tanto monta dizer, a obra da Republica, estas duas por certo bastariam.

Magalhães Lima

Affonso Costa

A gloria de Affonso Costa não se diminue reconhecendo aos outros a parte que lhes cabe. Elle tem já marcada a fronte de pensador e de combatente por aquelle fatidico signal, que o destino imprime na face dos seus eleitos e, ainda, vivo, elle começou já vivendo aquella immortal existencia que na maioria das vezes só na morte se encontra. Vive em Affonso Costa a encarnação palpitante do protesto e da revolta de muitos annos de injustiças e soffrimentos. Toda a dôr das iniquidades soffridas, toda a colera dos humildes escarnecidos, a furia da miseria espesinhada e perseguida na sua figura estremece. Amontoando no chão do passado os destroços da sua ira benefica e redemptora, d'elle surge, maravilhosa, a sobria e helenica belleza da construcção do futuro em que toda a gloria de muitos seculos de heroica lucta, toda a sumptuosidade das passadas eras da nossa historia de deslumbramento fulgura esplendorosamente.

A sua voz é a voz forte das imperativas reivindicações da Patria, a sua alma concentra a aspiração e vida de cinco milhões de almas e no seu coração palpita o sangue de cinco milhões de portuguezes. A sua obra é já gigantesca e n'ella occupa o ponto mais elevado o decreto da separação da Egreja do Estado. Não que ella seja uma arma de perseguição do Estado republicano contra as forças da reação e obscurantismo que elle exerce de inutilisar sem demora, mas sim um trabalho de leal combate ao mal por sêr a afirmação mais altiva e mais grandiosa da força moral da Republica.

Separar o Estado da Egreja é para todos os povos e sobretudo para o portuguez, esmagado por muitos seculos de ilegitima intervenção da egreja nos seus destinos, o mesmo que para o individuo, considerado isoladamente, póde sêr a afirmação da sua personalidade no momento de o arrancar do carcere ou da escravidão.

E' a base essencial da liberdade de consciencia de todos os individuos. E nenhuma missão mais fecunda e mais nobre pode o Estado desempenhar do que assegurar a todos os cidadãos que ninguem lhes poderá impôr ou prohibir uma crença, uma opinião. Por isso regosijamo-nos por que elle tenha decretado é garantido uma completa liberdade de cultos ou seja uma liberrima escolha entre os diversos principios religiosos ou a abstenção de qualquer principio religioso.

Houve em Portugal quatro revoluções. A primeira para pôr no throno D. João I, a segunda para restabelecer a nossa independencia em 1640, a terceira contra o despotismo em 1820 e a quarta para implantar a Republica.

Em todas ellas apparece um jurisconsulto como força organisadora: com D. João I é João das Regras; em 1640 é João Pinto Ribeiro quem faz todo o movimento collocando no throno D. João IV que apenas lhe diz como agradecimento, *«Que penna não sêres nobre para te recompensar»* em 1820 Manuel Fernandes Thomaz é o orientador e em cinco de Outubro é Affonso Costa como jurisconsulto quem depois de prestar serviços valiosos na propaganda como demolidor, como revolucciónario começa a obra constructiva da Republica dando-lhe o pensamento juridico.

Tem ideias e tem um braço forte para as pôr em execução. Accusou D. Carlos, com a sua palavra sugestionante e justa destruiu a monarchia. Proclamada a Republica o homem de combate torna-se o organisador, o reformador.

A melhor picareta no periodo da derrocada torna-se o melhor andaime no periodo da construcção.

Eurico Zuzarte (Leão Grave)

SALVÉ

Ao Dr. Affonso Costa

Fulgem na sua mente os limpidos reflexos
Das nobres concepções, dos grandes ideais;
Cinge no coração em vividos amplexos
O amor da Humanidade em sonhos divinaes.

Nos labios o calor tingindo a rubra ideia
Nos olhos, uma chamma, a fulgurar, queimando
Que nos atrahe e prende e quasi que incendeia
Os nossos corações com alma acalentando.

Prosegue sem temer na obra da *Verdade*
Afugentando o mal, banindo a escravidão
Porque é um luctador em prol da Liberdade
Fundando um novo templo á sombra da Razão

Ergueu-se Portugal, paiz de fama escripta
Nas fortes vibrações d'um livro heroico, ingente
E a gloria que lhe cabe a mente nos excita
Ao brado triumphal, á saudação ardente!

Alberto Barbosa

A caminho do Futuro

Antes de implantada a Republica o nosso paiz vivia abjectamente subjugado pelo poder da monarchia e da egreja, duas entidades que jámais se occuparam de distribuir ou, pelo menos, de facilitar a educação e a instrucção ao povo, de fórma a que este se pudesse elevar a um grau superior.

A cada momento, por meios benevolos ou violentos, a monarchia e a egreja exigiam que o povo cumprisse com os seus deveres, mas nunca lhes falavam dos direitos.

Os beneficios só existiam para os grandes. O povo era um escravo completo.

Claro está que sua miseranda situação não podia eternizar-se.

Após uma extenuante campanha, semeada de sacrificios de toda a sorte, a monarchia cahiu na manhã 5 de outubro de 1910, surgindo triumphante a Republica.

A Republica, mercê do estado de degradação em que a monarchia deixou este bom povo, não tem feito tudo quanto os seus apostolisadores prometteram nas suas jornadas de propaganda. Não tem feito tudo quanto se aspirava, mas ella não podia fazer mais; e, com franqueza, diga se bem alto, muito tens ella feito já em tão pouco tempo. Outras Republicas, com largos annos de existencia, teem feito menos do que a nossa.

Para algumas republicas ainda é uma aspiração a lei do divorcio, a lei da familia, o registo civil obrigatorio, o direito á gréve e a separação da egreja do Estado. Pois na Republica Portugueza usufrue-se já essas leis e outras mais, da mesma fórma de vasto alcance social, virão dentro em pouco tempo.

Ora uma republica com sete mezes de existencia que já decretou a separação da egreja do Estado mostra que tem vontade de caminhar.

A lei da separação da Egreja do Estado é uma victoria brilhantissima.

Todo o povo portuguez concorreu para ella; todo o governo merece louvores; mas, um homem está no governo, um portuguez puro, um luctador audaz, que merece as principaes honras d'essa obra, é: Affonso Costa.

Elle é amaldiçoado pela seita negra: porque elle lhe cortou as azas e lhe rasgou o cathecismo, essa obra immovel—inpondo ao povo a nova doutrina, a sublime doutrina da Liberdade, da Egualdade e da Fraternidade, essa rutilante pagina que enormemente contribue para que este povo seja feliz.

Homens como Affonso Costa merecem o applauso de todos, porque são esses os verdadeiros, os autenticos peoneiros do Futuro. Com leis como a da separação da egreja do Estado que nos vão libertando, pouco a pouco, do jugo e da escravidão é que conseguiremos alcançar o termo do grande ideal que está hoje no espirito de toda a gente.

Com leis d'essa ordem, justas e humanas, é que, com facilidade e perfeição, se completará a obra da humanidade, isto é, a completa redempção da humanidade.

Martins Monteiro.

— O dr. Affonso Costa deixar de publicar leis, decretos e portarias.

— Os padres reacionarios, os thalassas ferranhos e as canastras beatificas, dedicarem alguma amizade ao ministro da justiça, nem que seja um boccadinho do tamanho d'uma unha!

— O mesmo illustre ministro poder expulsar—o que deveras lamentamos—os jesuitas á paisana, que de chapeu á lazarista e sobretudos largos como sotainas ahi andam em pleno Chiado.

— Publicarem-se mais impossiveis dizendo que a lei da separação é impossivel sabir.

— Saber-se a conta certa de leis fabricadas pela machina a vapor do dr. Affonso.

— Um thalassa ser capaz
De n'um anno legislar,
O que Affonso Costa faz
Com uma perna no ar!

— O dr. Affonso Costa deixar de fazer conferencias sobre a lei de separação.

— Os padres reaccionarios ficaram contentes com a nova lei.

— O ministro da justiça deixar de alcançar as sympathias do Zé.

— O Bispo de Beja deixar de ter mais um pretexto, com a nova lei, de voltar as costas ao nosso Affonso.

— O ministro da justiça ter deixado de cumprir o que promettteu na opposição.

— Haver alguem que fique mais contente com a lei do que o nosso amigo Augusto José Vieira.

Dr. Affonso Costa

Desde Affonso Henriques, o *conquistador* até Affonso Costa, o *decretador*, Portugal tem passado as passas do Algarve, e, se não ficou como um figo da mesma terra, não foi por falta de vontade dos senhores que governaram, e se governaram durante esta longa jornada monarchica.

Razão tinham elles para supporem, que a Republica era uma bicha de sete cabeças não entrando ahi a do Presidente que lhes havia de dar agua pela barba, e affectivamente não se enganaram, porque uma das sete cabeças é sem duvida Affonso Costa, cuja casta é de *antes quebrar que torcer*.

Mas o dr. Afonso Costa não é só cabeça da Republica. E' alma, é vida, é coração e mais miudezas d'esta senhora.

Assim como o outro só desejava da amante *o seu amôr e uma cabana*, para viver feliz, assim o dr. Affonso Costa deseja que o deixem pensar só na Republica e para a Republica, e que onão seringuem com um milhão de diabos!...

Foi elle que, vendo o estado em que se encontrava a Egreja, que era um mau estado, como toda a gente sabe, separou este d'aquella, emquanto o bispo de Beja esfregava o olho, e sem haver a mais pequenina desavença, antes pelo contrario, a lei é recebida e agradecida, com foguetes e mais coisas de regosijo.

E tudo isto porquê?

Porque o dr. Affonso Costa, de um tacto superior e com um golpe de vista que faria enveja ao proprio Pae Paulino, (um dos que tambem tinha olho) viu n'um relance tudo o que havia de bom a fazer, e de máu a cortar, e portanto, fez e cortou.

Homem de Direito e direito a valer, foi direito ao fim que visava, sem se importar com o que os reacionarios diziam, sem recear ameaças, sem olhar ao que lhe poderia succeder.

Achou que a causa era Santa, Justa, e Rufina, e portanto foi para a frente.

Por este motivo, e por outras que já passaram tambem o *Zé* lhe presta homenagem, publicando na sua pagina central a *véra efinge* do grande estadista que se chame Affonso Costa, homenagem que, bem sabemos, está muito aquem do que elle merece como homem, como amigo e como ministro que é de justiça... dizer-se.

E disse.

R. de Sousa

Um caso bicudo

A lei separando o Estado da Egreja como dois conjugues que se não dão bem, ahi está já publicada para contento de todos, embora alguns casmurros reaccionarios, almas avessas á todas as inovações, olhos fechados a toda a luz, a não queiram «gramar» com contentamento nem a cacete.

Considerada como a obra capital da Republica, a lei que o dr. Affonso Costa elaborou com tanta proficiencia como cuidado, veiu provar, se já provado não estava, que o illustre ministro da justiça, é um homem que não desmente no poleiro o que d'antes cantava fóra da capoeira. Elle é um estadista que não descança, uma machina que não pára de fabricar leis, um arsenal enorme de conhecimentos que está sempre em elaboração.

A lei de separação do Estado da Egreja é segundo dizem os intendidos, um documento juridico admiravel, uma obra d'aquellas que ficam pelo muito que pezam e valem.

Bem sabemos que o ultramontanismo não a acceitará de boa vontade, e que procurará pôr todos os entraves á sua execução, mas, ella ha-de ficar entre a obra do governo provisorio, brilhando como a pedra de mais fulgurante brilho n'ella engastada.

Podem-se ralar os reaccionarios, podem gritar e barafustar, mentindo ás almas ingenuas ás consciencias ignorantes dos provincianos, dizendo cobras e lagartos do homem que mais tem trabalhado no seu sincero intuito de bem servir a causa democratica, podem arruejar os baixos inimigos do ministro da justiça, que a lei da separação é hoje um facto, e o Estado officialmente não tem religião, nem nos consta que precise d'ella.

Andou muito bem o sr. dr. Affonso Costa em publicar a lei da separação.

O Estado não professa religião, porque nem mesmo se entenderia que um Estado que tem de ser composto por diversas pessoas, possa ter uma religião, ou seja, impingir uma mesma crença a varias pessoas. Nem d'outra maneira se entendia a liberdade.

Quem quizer egrejas que as sustente. Quem quizer resar que reze, comtanto que o Estado não tenha que largar vintem.

Ponham-se de joelhos, fitem os olhos no azul, digam que o Padre-Eterno está no ceu e em toda a parte, digam que a Virgem Maria concebeu por obra e graça do Espirito-Santo, ateimem as suas grandes casmurrices, persistam nas maiores e mais disparatadas asneiras dia a dia desmentidas pela sciencia, mas façam isso á vossa custa, não nos peçam dinheiro, por alma dos vossos defunctos, que a nação está exgotadissima, e o Povinho morre de fome sem dinheiro para o pão da vida, quanto mais para sustentar os flacidos e pachorrentos padrecas que lhe promettem a paz do ceu, quando a vida se exgotou no inferno da terra.

Vão para o diabo que os leve a todos e compenetrem-se que o dr. Affonso Costa está sempre com a clava suspensa sobre a Egreja, como diz Luzano.

Grande homem é o nosso Affonso, apezar de ser tão miudinho de corpo.

Aquillo não é doutor é uma Universidade!

J. Neves.

Epigrammas

(de Viu-se Grego)

IV

Affonso Costa, o feliz
Estadista portuguez,
Tem a ponta do nariz
Tão larga que vál por trez.

V

De Affonso Costa (o portento
Que os thalassas desbarata)
O narigal ornamento
Não é nariz, é batata!

VI

Já no regimen passado
Resmungava um sachristão:
-Tem nariz abatatado
Ha-de ser um... marotão!

Candidatos a deputados

No proximo numero faremos algumas considerações sobre a organisação das listas approvadas pelas commissões.

—Com que então d'esta vez é que foi certo, heim?!

—O quê?

—Os dois separados.

—O menina isso é commigo? Está-me a chamar bebeda?!...

—Eu?

—Já se vê!...Que quer dizer isso de *dois separados*?... Julga que ando por ahi a empiteirar-me?!... olhe que está muito enganada!....

—Mas o que ahi vae para nada, senhora Rita, então não percebe o que eu quero dizer?

—Eu não senhora!...

—O dois separados, são; a Egreja e o Estado, que o nosso Affonso Costa separou de vez!.

—Ah!...agora percebo!...Ora, ora!... E eu a julgar que se referia a dois decilitros que hontem bebi com a Joaquina, ali no carvoeiro!... Ora, ora....

—Não, não foi, nem quero saber da vida alheia para nada. Falo d'esse golpe de mestre, dado pelo nosso grande homem.

—Nosso... virgula!... Eu se tivesse um homem assim, estava sempre com receio que as outras mulheres m'o roubassem. Aquillo vale quanto pesa...

—E olhe que não deve pezar pouco!...

—E' homem de *peso*, e de *medidas* muito acertadas.

—Esta da separação, cá para mim, é a melhor de todas.

—Agora já não sou obrigada a desobrigar-me...

—Nem a crer em santos...

—Santos, farinha, nunca fizeram commigo!...

—Agora por Santos Farinha...

—Perdão, perdão .. não estou falando do doutor!...

—Então não disse: Santos Farinha?

—Disse que elles nunca fizera farinha commigo, porque sou pouco crente em milagres e coisas sobrenaturaes...

—Ah... percebo/.. Mas como ia dizendo; com respeito a farinha: não posso levar á paciencia, ter de comer pão duro á segunda feira de manhã, com a tal historia do descanço dos padeiros.

—Pois sim, mas então que quer? Os homens não teem direiro a descançar tambem?

—Ninguem lhe nega esse direito, mas talvez se podesse fazer d'outra maneira, por turnos ou coisa parecida.

—Isso sim!

—Sabe o que já me lembrei?

—Eu não!

—Foi pedir ao Affonso Costa que deitasse um decreto para o pão não endurecer.

—Não era mau, não...

—D'esta maneira acabava-se de vez com a madureza dos padeiros.

—Com *uma duresa*, é que vocemecê quer dizer.

Ariel

Companhia Schwalbach

Conforme diz a *Capital* a sympatica actriz Etelvina Serra fará parte da companhia que começa em Outubro a explorar o *Apollo* sob a direcção do festejado auctor dramatico E. Schwalbach. Assim se confirma já parte da noticia que demos sobre os artista da referida companhia no nosso numero 20 de 14 de março. E o resto a seu tempo virá...

A Aurora

O «Zé», agradece reconhecido a este collega libertario do Porto, a transcripção d'um trecho dos «Casos Bicudos» e acceita com alvoroço a permuta estabelecida.

Um novo diario

Brevemente será resolvido o dia de apparecimento do diario de que demos noticia no ultimo numero. Por hoje accrescentamos que elle será uuico no genero pois nem mesmo no extranjeiro ha algum diario semelhante.

Para grandes males, grandes remedios

Com duas machadadas **foi um ar que lhes deu** e eu cá estou para o que der e vier